

Quando a cidade transborda na poesia – São Luís de Gonçalves Dias e Ferreira Gullar

When the City Overflows into Poetry – São Luís through Gonçalves Dias and Ferreira Gullar

Conceição de Maria Correa Feitosa 

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS, Brasil

E-mail: conceicaorabelofeitosa@gmail.com

RESUMO: Trazemos neste artigo uma possível conexão entre literatura/memória/espço citadino, objetivando identificar, a partir do poema *Canção do Exílio* (Gonçalves Dias) e um excerto do *Poema Sujo* (Ferreira Gullar), que retratam a cidade de São Luís-MA, se essas composições podem ser consideradas representações de uma cidade, em um determinado momento histórico. Verificando, nesse *corpus* poético, como se dá a relação poesia/cidade, poeta/cidade, como isso tudo foi sentido e refletido e em que circunstâncias e de que modo esses poetas vivenciaram, externalizaram a cidade, transferindo-a para a poesia, transformando-a em relicário de uma época. Para tanto, partiremos dos conceitos de espaço e cidade, numa interface com os Estudos Culturais, trazendo para a discussão autores como Bachelard, Ricoeur, Tuan Dardel, Brandão, Collot e outros, para chegarmos aos poemas que representam São Luís como espaço de identidade e memória. Gonçalves Dias, na *Canção do Exílio*, atribui uma imagem ao lugar que sofreu modificações, trazidas naturalmente, ao longo do tempo, chegando a uma São Luís, de Ferreira Gullar, no *Poema Sujo*, de movimentação do sujeito. Esse lugar, antes vivenciado como paisagem natural, no decorrer dos anos, passa a ser memorial de valores que se misturam numa tessitura dialética entre passado, presente e futuro.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; memória; espaço citadino; Gonçalves Dias; Ferreira Gullar.

ABSTRACT: This article explores a possible connection between literature, memory, and urban space, aiming to identify whether *Canção do Exílio* (Gonçalves Dias) and an excerpt from *Poema Sujo* (Ferreira Gullar), which portray the city of São Luís-MA, can be considered representations of the city at specific historical moments. Through this poetic corpus, we examine how the relationships between poetry and city, poet and city, are experienced and expressed, and how these poets externalized the city by transferring it into poetry, transforming it into a reliquary of a given era. To this end, we draw on concepts of space and city in dialogue with Cultural Studies, referencing authors such as Bachelard, Ricoeur, Tuan, Dardel, Brandão, Collot, among others. These reflections guide our reading of the poems that represent São Luís as a space of identity and memory. In *Canção do Exílio*, Gonçalves Dias attributes an image to the place that has naturally changed over time, arriving at a São Luís that, in *Poema Sujo* by Ferreira Gullar, becomes a dynamic experience of the subject. This space, once seen as a natural landscape, becomes over time a memorial of values interwoven in a dialectical fabric of past, present, and future.

KEYWORDS: poetry; memory; urban space; Gonçalves Dias; Ferreira Gullar.

COMO CITAR

FEITOSA, Conceição de Maria Correa. Quando a cidade transborda na poesia – São Luís de Gonçalves Dias e Ferreira Gullar. *Revista da Anpoll*, v. 56, e2046, 2025. doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.e2046>

(...)
*Desde quando a janela me ensina o espaço
desde quando me ensino a ser eu
desde quando o silêncio me dá sua razão
eu não sei de mim senão que me perco
no uso do que me rodeia
como quem solto num deserto
não sabe livrar-se dele?*

*Ah é preciso saber quanto
de São Luís recai sobre
uma pessoa em estado de mirante*

(Chagas, 2002).

1 INTRODUÇÃO

A cidade, podemos dizer, em sintonia com Gomes (1999, p. 28), constitui uma das “unidades de análise mais próximas, dotadas de densidades históricas”, funcionando como um lócus privilegiado para observar os entrelaçamentos entre tempo, memória, identidade e cultura. Essa concepção se alinha à nova compreensão de espaço trazida pelos Estudos Culturais, no qual o espaço, especialmente o urbano, é entendido não apenas como um cenário físico, mas como um campo simbólico e político em constante disputa e ressignificação. Nessa perspectiva, a cultura emerge como prática central, integrada a outros aspectos sociais, articulando “inquietações simultaneamente teóricas e preocupações concretas com a polis” (Baptista, 2009, p. 454). A ampliação dessas abordagens provocou importantes deslocamentos nos Estudos Literários, que passaram a dialogar mais diretamente com outras áreas do saber, como a sociologia, a história e a geografia humana, permitindo novas leituras sobre as representações da cidade na literatura.

Uma consequência significativa dessa virada nos Estudos Literários foi a valorização da literatura como forma de produção simbólica com impacto direto na construção das realidades sociais. Nesse sentido, a análise das obras passou a incluir também os marcadores culturais e históricos dos grupos que as produzem, bem como os territórios que ocupam. Como observa Maria Elisa Cevasco, em *Dez lições sobre Estudos Culturais*, não se pode mais conceber a literatura “sem a realidade que ela produz e reproduz, ou, pela mesma via, uma sociedade sem a cultura que define seu modo de vida” (Cevasco, 2003, p. 150). A literatura, assim, revela-se não apenas como espelho, mas como agente das formas de ver, viver e narrar o mundo.

Os Estudos Culturais oferecem instrumentos importantes para compreender a trajetória histórica de uma cidade, ampliando as possibilidades de análise interdisciplinar, integrando áreas como História, Geografia e outras ciências humanas, permitindo-nos explorar as interações entre cultura, sociedade e o espaço urbano contemporâneo.

Nesse percurso teórico que articula espaço, cidade e cultura, a linguagem – especialmente em sua dimensão artístico-literária – se destaca como ferramenta privilegiada de representação e interpretação do mundo. Ela é mediação simbólica, capaz de refletir, refratar e recriar realidades sociais, históricas e afetivas. Sob essa ótica, a literatura emerge como um campo fértil para a leitura das experiências urbanas, abrindo caminho para uma compreensão mais sensível e crítica do espaço vivido.

Considerando todas essas questões, este artigo tem como objetivo averiguar, numa possível conexão entre literatura/memória/espaço citadino, a partir do poema *Canção do Exílio* (Dias, 1974) e um excerto do *Poema Sujo* (Gullar, 2013) – que retratam a cidade de São Luís-MA em períodos distintos de sua história –, se essas composições podem ser consideradas representações de uma cidade, em um determinado momento histórico. Verificando, ainda, nesse corpus poético, como se dá a relação poesia/cidade, poeta/cidade, como isso tudo foi sentido e refletido e em que circunstâncias e de que modo esses poetas sentiram, vivenciaram, externalizaram a cidade, transferindo-a para a poesia, transformando-a em relicário de uma época. Para tanto, partiremos dos conceitos de espaço e cidade, numa interface com os Estudos Culturais, trazendo para a discussão autores como Bachelard, Ricoeur, Tuan Dardel, Brandão, Collot e outros, para chegarmos aos poemas que representam São Luís como espaço de identidade e memória.

2 GEOPOÉTICAS DA CIDADE: EXPERIÊNCIA, AFETO E REPRESENTAÇÃO NO ESPAÇO URBANO

A primeira ideia que nos vem à mente ao refletirmos sobre o que é uma cidade depende do ponto de vista evocado. Em pleno século XXI podemos concebê-la como um centro urbano caracterizado pela concentração significativa de pessoas, infraestrutura avançada e atividades econômicas diversificadas. Pensamos nas metrópoles com seus carros barulhentos, arranha-céus, poluição, o vai-e-vem incessante de pessoas; na vida que ali pulsa, ou na ausência dessa pulsação, e nos habitantes que lhe dão forma. Também imaginamos cidades conectadas, sustentáveis, globalizadas, mas não podemos ignorar aquelas à mercê do desaparecimento, seja por questões climáticas, religiosas ou conflitos políticos e econômicos.

Esse tecido urbano que nos vem à mente, composto por edifícios, ruas, praças, escolas, supermercados, lojas, semáforos, paisagens naturais, pessoas e inúmeras outras características, forma a estrutura física e visual de uma cidade. Cada uma se diferencia em termos de tamanho, densidade populacional e complexidade social e cultural. No entanto, é fundamental lembrar que esse movimento urbano é atravessado por infinitos níveis que interagem e se conectam. Essas dinâmicas, oriundas da diversidade e das próprias relações que emergem no espaço urbano, tornam cada cidade única em sua essência e significado.

Bachelard, poeta e filósofo francês, talvez influenciado por sua dupla faceta de pensador e artista, expande a noção convencional de cidade em sua obra *A Poética do Espaço* (1976). Ele propõe que a cidade não é apenas um espaço urbano delimitado por sua estrutura física e habitado por pessoas, mas também um território simbólico, impregnado de significados poéticos que moldam a imaginação e a percepção daqueles que nela vivem. Assim, reforçamos que cada cidade é única, assim como cada indivíduo que a habita, e a poesia interage com essas singularidades, capturando e expressando as essências que emergem desse lugar.

A cidade é um espaço que abriga a vida, e essa afirmação, por si só, já carrega grande complexidade, pois a vida que ela sustenta remonta há anos de história. Nenhuma cidade nasce da noite para o dia. Enquanto espaço geográfico, histórico e cultural, ela comporta, incorpora e reflete muitas outras cidades. É nela que as políticas sociais são formuladas, estabelecidas e implementadas, de maneira a beneficiar ou marginalizar certos grupos. A cidade, como um espaço que persiste ao longo do tempo, torna-se também uma testemunha silenciosa dos eventos e transformações que a atravessam.

Símbolo da sociabilidade humana, a cidade é lugar de encontro e de vida em comum – e, nesse sentido, seu modelo é a polis grega. Mas é também um símbolo da diversidade humana, espaço em que convivem massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam; e aqui o modelo não é mais a cidade grega, e sim Babel. Mais até do que a primeira, essa segunda imagem, a da desarmonia e da confusão, é responsável pelo fascínio que as cidades exercem, como locais em que se abrem todas as possibilidades (Dalcastagnè, 2012, p. 124).

A cidade carrega em si a memória das gerações que por ela passaram, como um quadro vivo que preserva os vestígios do tempo. Ela se mantém através dessa memória, impregnada em sua arquitetura, monumentos, instituições históricas e tradições culturais, e também nas vidas de seus moradores, ilustres ou anônimos. Esses elementos, tanto físicos quanto intangíveis, narram a história da cidade, criando uma ligação entre o passado e o presente, ao mesmo tempo em que indicam as possibilidades do futuro.

A análise do espaço e do lugar como contextos onde a vida se experiencia é uma tendência recente em diversos campos do conhecimento, especialmente com as contribuições dos Estudos Culturais e, mais especificamente, da Geografia Humanista. Em sintonia com as transformações da contemporaneidade, essa abordagem propõe novas perspectivas sobre categorias como território, espaço, lugar e paisagem, entre outras.

Durante mucho tiempo la ciudad se há reconocido como el lugar donde todos los caminos se cruzan. Sin embargo, en los últimos años tanto la literatura como diversas ciencias sociales y humanas se han preocupado por estudiar, analizar y comprender su historia, tradición renovación, desarrollo y evolución, los modos de vida y de comportamiento que propicia, las relaciones establecidas por sus habitantes o sus transeúntes y sus expresiones artísticas y culturales. Ahora se evidencia que, además de ser espacio consruído y poblado, es cuerpo complejo que va más allá de los límites geográficos y de la población demográfica. Resultan insuficientes las definiciones que la muestran como un “conjunto de calles y edificios” y a su habitante, el ciudadano, como “natural o vecino de una ciudad”. (Giraldo, 2001, p. 11).

Embora já se reconheça que o ser-estar no tempo revela, inevitavelmente, um espaço ou lugar, vale retomar a centralidade dessa relação no pensamento de autores como Heidegger e Bakhtin. Ambos, à sua maneira, destacam a indissociabilidade entre tempo e espaço na constituição da experiência humana. No caso de Bakhtin, essa articulação se evidencia de forma particularmente expressiva, ao tratar da dimensão temporal como algo que se concretiza espacialmente, ou seja, como um acontecimento visível na materialidade do mundo:

A capacidade de ver o tempo, de ler o tempo no todo espacial do mundo e, por outro lado, de perceber o preenchimento do espaço não como um fundo imóvel e um dado acabado de uma vez por todas, mas como um todo em formação, como acontecimento; é a capacidade de ler os indícios do curso do tempo em tudo, começando pela natureza e terminando pelas regras e ideias humanas (...). (Bakhtin, 2011, p. 225).

Essa compreensão do espaço como algo em constante formação, carregado de temporalidade e significações, encontra ressonância nas abordagens contemporâneas da Geografia Humanista. Como já mencionado, essa vertente aponta para uma geograficidade que abrange os “laços de cumplicidade que o homem estabelece com o meio, introduzindo no campo de estudo da Geografia elementos como afetividade, sentimentos, emoções e o complexo sistema de significações que o conhecimento intuitivo e perceptivo envolve” (Marandola Jr.; Oliveira, 2009, p. 494). Nessa perspectiva, o espaço urbano não é apenas um cenário físico, mas um campo simbólico e relacional, moldado pelas práticas sociais e culturais dos indivíduos que o habitam, tornando cada lugar, assim, único.

O espaço geométrico é homogêneo, uniforme, neutro. Planície ou montanha, oceano ou selva equatorial, o espaço geográfico é feito de espaços diferenciados. O relevo, o céu, a flora, a mão de um homem dão a cada lugar uma singularidade em seu aspecto. O espaço geográfico é único; ele tem nome próprio: Paris, Champagne, Saara, Mediterrâneo (Dardel, 2011, p. 2).

Neste novo campo de interesse dos geógrafos, o espaço deixa de ser visto apenas como uma unidade mensurável, passando a ser compreendido também como um lugar dotado de valor, onde a existência humana se articula. Nesse contexto, destaca-se a figura de Yi-Fu Tuan, geógrafo e teórico cultural cuja contribuição foi fundamental para o entendimento do espaço urbano. Para Tuan, o espaço da cidade não deve ser encarado somente como uma configuração física, mas também como uma experiência subjetiva e cultural. Em sua pesquisa, ele introduziu os conceitos de “topofilia” (amor pelo lugar) e “topofobia” ou “espaciosidade” (medo do lugar), ressaltando as emoções que as pessoas experimentam em sua relação com os espaços que habitam. De acordo com a afinidade que o ser humano desenvolve com determinado espaço, podem surgir sentimentos de apego, alegria, carinho e amor, ou, por outro lado, angústia e opressão (Tuan, 1983).

O espaço, então, passa a ser concebido como a dimensão onde a vida acontece, em que se dá o fenômeno da experiência, e onde o ser humano se compreende e se localiza. Como Tuan afirma: “O ‘espaço’ é mais abstrato do que o ‘lugar’. O que começa como um espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983, p. 6). Essa experiência pessoal com o espaço é essencial para entendermos como lugares são vivenciados.

Ao reconhecer essa transformação do espaço em lugar, carregado de significado e atravessado pela experiência, amplia-se também o olhar analítico sobre ele, especialmente no campo dos estudos literários. Compreender o espaço como mais do que uma unidade mensurável e reconhecê-lo como um lugar dotado de valor, onde a existência humana se articula, abre caminho para reflexões que transcendem a Geografia e alcançam a Literatura. Essa categoria, que antes era percebida apenas como palco das ações contidas nas obras literárias, agora tem se consolidado como temática fundamental para as mais diversas análises, inclusive para a

compreensão do próprio tempo. Pensar a dimensão do espaço não apenas como cenário, onde a vida acontece, mas como uma categoria ativa, que influencia, de alguma forma, os acontecimentos que ali se desenrolam, é situar o ser humano em uma temporalidade específica, cuja fixação se dá, exatamente, em um lugar (Marandola Jr.; Oliveira, 2009).

Desse entrelaçamento, emerge a compreensão de que tempo e espaço não atuam isoladamente: são dimensões inseparáveis na constituição de nossas experiências e na forma como nos relacionamos com o mundo. Ambos são fundamentais para compreender os processos históricos e culturais que moldam as sociedades, pois “o tempo e o espaço são as coordenadas básicas de todos os sistemas de representação” (Hall, 2006, p. 72). Ao longo das gerações, essas categorias foram sendo ressignificadas a partir das “percepções e usos, definidos por condicionamentos econômicos, sociais e políticos” (Brandão, 2013, p. 18). Enquanto os espaços revelam-se transitórios, fluídos e permeáveis, os lugares se fixam como territórios de pertencimento, onde enraizamos memórias, identidades e afetos. Assim, seja na literatura, seja na experiência cotidiana, espaço e tempo não apenas coexistem, eles se constroem mutuamente, definindo as bases simbólicas e materiais de como habitamos o mundo.

Essa relação entre tempo, espaço e identidade também se projeta na literatura, onde o espaço, outrora visto apenas como pano de fundo da ação, ganha protagonismo como elemento ativo na construção de sentidos. Como observa Brandão (2013, p. 32), o espaço literário “passa a ser concebido segundo um sistema, simultaneamente cultural e formal de ‘horizontes de expectativas’, o qual define a variabilidade histórica dos significados espaciais”. Nesse contexto, o estudo da paisagem na literatura ganha relevância, pois permite compreender de maneira renovada a relação entre o homem e o mundo – uma relação mediada pela linguagem, pela experiência e pela memória. Como destaca Alves (2018, p. 23):

O interesse atual do tema, na área de Letras, advém da certeza de que é preciso encontrar um lugar novo para compreender a relação entre o homem e o mundo, ainda mais se consideramos que estamos vivendo num tempo de um urbanismo veloz que vai, inexoravelmente, afastando a natureza do homem comum. As obras literárias do presente, como contemporâneas que são, não evitam de apresentar a questão urbana e, em decorrência, de refletir sobre as figurações ou desfigurações da natureza frente a experiências de sujeitos fortemente marcados por novas relações com o espaço e a visualidade.

Assim, a cidade, enquanto paisagem, espaço e lugar, deixa de ser apenas o cenário das histórias e se transforma em uma personagem viva, carregada de simbolismos e significados na construção de narrativas e poemas. Nesse diálogo entre ficção e realidade, a cidade, transposta para a obra de arte, torna-se não apenas um reflexo, mas uma chave de leitura para compreender não só determinados acontecimentos históricos, mas também a cultura, a política e a organização social e urbana de seu tempo. A escritura, em especial a literatura, “ao ‘dizer cidade’, condensa a experiência do vivido na expressão de uma sensibilidade feita texto” (Pesavento, 2002, p. 12). E ao “dizer essa cidade”, ou pensar essa cidade, revela-se um universo de camadas sobrepostas, que nos permite vislumbrar múltiplas interpretações e possibilidades de leitura, pois ela:

(...) não é um espaço homogêneo, mas fragmentado e, sobretudo, hierarquizado, marcado por interdições tácitas, que definem quais habitantes podem ocupar quais lugares. Na base destas hierarquias urbanas, estão as principais assimetrias sociais – vinculadas à classe, sexo, raça, orientação sexual, idade, deficiência física. É importante, então observar de que forma a literatura brasileira contemporânea reage a essa situação. As desigualdades incorporadas na organização do espaço urbano podem ser simplesmente aceitas como dados e, de alguma forma a revelar os padrões de dominação e opressão subjacentes; ou podem ser tensionadas, por narrativas que as subvertem. (Azevedo; Dalcastagnè, 2015, p. 11-12).

3 QUANDO A CIDADE TRANSBORDA NA POESIA – São Luís de Gonçalves Dias e Ferreira Gullar

Casarões azulejados, becos, ruas, praças, ladeiras, escadarias, fontes, igrejas, prédios de repartição pública, monumentos e outros juntam-se a missas, sermões, saraus, discursos, artigos de jornais e revistas, folguedos populares, procissões, passeatas, manifestações cívicas da população, lançamento de livro, vernissagem e outros vêm constituir a memória individual e coletiva de São Luís. Esse imbricamento entre o espaço topológico e cultural auxiliam na memorização, como verdadeiros arquivos acessados pelo olhar do transeunte, que guardam e revelam um período da história ludovicence, aqui lembrando Assmann:

A partir dessa qualidade topológica se está a apenas um passo de considerar complexos arquitetônicos como corporificações da memória. E o passo que vai de considerar espaços como meios mnemônicos a considerar prédios como símbolos da memória. (Assmann, 2011, 170).

E, se se pode pensar uma cidade, uma época, a partir de sua arquitetura, sua história, sua organização, seus habitantes, sua cultura, por que não podemos pensa-la também, a partir dos poemas que lhe retratam? São Luís tem sido tratada em versos e em prosa desde os seus tempos áureos até os dias atuais, quase sempre sob um ângulo encomiástico. Seus casarões coloniais, suas ruas e becos, seus largos e praças, suas escadarias, os azulejos e sacada de ferro, as fontes de água, as praias, os chafarizes, os jornais, jornalistas, revistas e livros publicados têm sido visitados contemplados, ponderados, comunicados, expressados por seus habitantes.

Na apreciação de Jomar Moraes, autor do *Guia de São Luís do Maranhão* (1996, p. 194), “poucas cidades brasileiras foram cantadas com tanta beleza e força lírica. Resenhar quantos poetas fizeram versos para São Luís, seria ocupar espaço por onde se alongaria lista extensa, embora certamente não cansativa”. Escritores maranhenses dedicaram significativa parte de seus textos para falar sobre São Luís. Assim fizeram João Lisboa, jornalista, redator do *Jornal de Timon*, com a crônica “A Festa de Nossa Senhora dos Remédios”, entre outras; Henriques Leal, o Plutarco maranhense, autor de *O Pantheon Maranhense*; Aluizio Azevedo, autor de *O Mulato*; Antonio Marques, cronista e historiador, autor de *A Vida maranhense* e *Quadros maranhenses*; Gentil Braga, bacharel em direito, poeta e jornalista, autor do poema *O Outeiro da Cruz*; José Ribeiro do Amaral, professor, historiador, autor de *O Estado do Maranhão, Apontamentos para a Revolução da Balaçada na Província do Maranhão, Fundação do Maranhão*, Arlete Nogueira, com o poema narrativo *Litania da Velha*, por exemplo.

Uma São Luís é revitalizada pelas memórias nostálgicas provenientes da valorização de um *I-Juca Pirama*, de uma Canção do Tamoio, de um Se se morre de amor, de Ainda uma vez - Adeus, de uma Canção do Exílio, de um Canto do Piaga (poemas de Gonçalves Dias), de A Samaritana (soneto de Vespasiano Ramos), de Mal secreto e As pombas (sonetos de Raimundo Correia), O outeiro da Cruz (soneto de Gentil Braga) O Milagre de Guaxenduba (de Humberto de Campos), O arroz de cuxá (Artur Azevedo).

Escritores escreveram intensamente sobre São Luís, ou de modo menos cadente ou, mesmo, circunstancialmente, minimamente e de forma mais precisa, na segunda metade do século XX. Poetas como Gonçalves Dias, Ignacio Xavier de Carvalho, Apolônia Pinto, Dagmar Desterro, Bandeira Tribuzzi, José Chagas, Ferreira Gullar, Nauro Machado, Carlos Cunha, Chagas Val, Wanda Cristina, Dinacy Mendonça, Arlete Nogueira, Laura Amélia Damous, Celso Borges, Ricardo Leão, Natan Campos, Dyl Pires e outros que, ao longo dos anos, vão percebendo e (re)significando a cidade com novos olhares, novos sentimentos, novas impressões.

A literatura é, então, uma espécie peculiar de memória materializada e testemunha por si só a presença de sentido que a si mesma porta. A literatura é a memória do presente - não no sentido de um legado que se dirija às gerações futuras, ou seja, um testemunho do presente (embora essa dimensão seja igualmente meritória), mas no sentido de que traz ao presente sua presença, mais profunda, abscondita, negatizada roldão do progresso num ato ético profundamente temerário de recolher os cacos do já acontecido e os disponibilizar como forma e estilo na fidelidade ao seu conteúdo e à singularidade, ao encontro e à revelação de contemporaneidade. (Souza, 2018, p. 78).

Trazemos aqui, em suas vertentes poéticas, dois dos mais conhecidos escritores maranhenses: Gonçalves Dias (com a Canção do Exílio) e Ferreira Gullar (com um pequeno excerto do *Poema Sujo*) que, em seus respectivos contextos históricos, trouxeram um sentimento cidadão que perpassou séculos e que já faz parte do imaginário de muitos leitores, em especial, de seus conterrâneos. Vejamos:

Canção do Exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.
Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;

Em cismar –sozinho, à noite–
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que disfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

(Dias, 1974, p. 1).

Gonçalves Dias (1823-1864), foi um clássico, quincentista (*Sextilhas de Frei Antão*), romântico (*Primeiros Cantos*, *Segundos Cantos*, *Últimos Cantos*), teatrólogo (*Beatriz Cenci*, *Paktull*, *Boabdil* e *Leonor de Mendonça*), um gramático (*Dicionário da Língua Tupy*), um memorialista (*Brasil e a Oceania*), um indigenista (*Os Timbiras*, inacabado), autor de conhecidos poemas (*Se se morre de amor*, *Ainda uma vez adeus*, *I-Juca-Pirama*, *Marabá*, *Canção do Piaga*, *Escrava*, *Canção do Tamoyo*). Suas obras foram vestidas para diversos idiomas.

(...) A lírica de Gonçalves Dias singulariza-se no conjunto da poesia romântica brasileira como a mais literária, isto é, a que melhor exprimiu o caráter mediador entre os polos da expressão e da construção. O poeta de “I-Juca Pirama” é o clássico do nosso Romantismo: enquanto fonte de temas e formas da segunda e terceira geração; e enquanto “poets’ poet”, alvo das preferências críticas de poetas tão díspares entre si como Bilac, Machado de Assis e Manuel Bandeira. (Bosi, 1995, p. 65-66).

Ao escrever, em Coimbra, a *Canção do Exílio* (1843), decorridos 21 anos da Independência do Brasil, Gonçalves Dias resgata em suas lembranças seu lugar de origem, de pertencimento, sentimento caro para a construção da identidade do país naquele período da história. Escritor da primeira fase do Romantismo brasileiro, marcada pela idealização indígena e pela exaltação da natureza é o poeta mais conhecido e reconhecido como aquele que cantou a sua terra. E é justamente o “Romantismo que, com sua teoria da paisagem como estado de alma, enfatizará o aspecto subjetivo, parcial, egocêntrico de nossa experiência do espaço” (Collot, 2012, p. 13).

O escritor, encontrando-se em Portugal, contrasta, em seus versos, dois sentimentos que são percebidos em um “cá” (espaço estrangeiro) e um “lá” (terra natal). Nessa dicotomia, o lugar em que o poeta habita e sente-se bem, é a sua terra natal, que não é Coimbra, lugar em que se encontrava exilado. Lembremos que “os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los” (Ricoeur, 2007, p. 59).

O Poeta habita um lugar e o enuncia no poema como: “minha terra”; que “tem palmeiras/ onde canta o Sabiá”. Esses versos tornaram-se símbolos recorrentes, principalmente, na poesia de muitos escritores maranhenses, para identificar os lugares habitáveis, de pertencimento. E esse lugar, a terra natal, evocado ali no século XVIII, é sentido, essencialmente, como paisagem – no sentido “de uma experiência individual, sensorial e suscetível de uma elaboração estética

singular” (Collot, 2015, p. 18) –, onde há muito mais palmeiras, flores, bosques e pássaros que cantam. Essa paisagem foi absorvida, por boa parte dos escritores brasileiros, para a construção de uma ideologia nacionalista, tão importante para o Brasil naquele período da história.

Um dos signos mais fortes da invenção do Brasil pode ser percebido na construção da paisagem. Encontramos na cultura brasileira o registro por meio da memória coletiva de uma rede de códigos culturais para a percepção da paisagem, uma tradição construída por um vasto conjunto de lembranças, mitos e lendas que, além de acompanhar extensos períodos da história social, também molda instituições e valores. (Figueiredos, 2016, p. 27).

Vejamos agora o excerto do *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar:

Poema Sujo

[...]

A cidade está no homem
Do mesmo modo que em suas
Quitandas, praças e ruas

[...]

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,

— no quarto de um sobrado
na Rua das Hortas, a mãe
passando roupa a ferro —
fazendo vinagre
— enquanto o bonde Gonçalves Dias
descia a Rua Rio Branco
rumo à Praça dos Remédios e outros
bondes desciam a Rua da Paz
rumo à Praça João Lisboa
e ainda outros rumavam
na direção da Fabril, Apeadouro,
Jordoa

(esse era o bonde do Anil
que nos levava
para o banho no rio Azul)

[...]

eu jogava bilhar
escondido
no botequim do Constâncio
na Fonte do Ribeirão.

(Gullar, 2013, p. 5).

Ferreira Gullar (1930-2016) publicou *Um pouco acima do chão*, *A luta corporal*, *Dentro da morte veloz*, *Muitas vozes*, *Em parte alguma*, e o muito conhecido *Poema Sujo*, além de ensaios, textos infantis e teatrais. Torna-se o mais celebrado escritor da modernidade brasileira, com ressonância internacional. Enveredando pelas sendas do político-social, o estro gullariano nos envolve com o relato da denúncia da pobreza, da fome, da miséria reinantes no meio da população do Brasil. Ele denuncia, de modo contundente, as excrescências do Capitalismo, da exploração do fraco pelo mais forte, denuncia a alienação cultural, o consumismo, a “submissão ao americanismo”. Suas obras como, *João Boa Morte*, *Cabra marcado para morrer*, *Quem matou Aparecida?*, *Teoria do não objeto*, *Cultura posta em questão*, *Argumentação contra a morte da arte* somam-se ao extenso conjunto de contos, crônicas que reverberam o intelectual maranhense.

Gullar impregna-se apaixonadamente da capital do Maranhão para construir seu *Poema Sujo* (1976). São Luís ainda é terra natal, tal qual como poderíamos dizer que é na evocação de Gonçalves Dias, com a *Canção do Exílio*. Todavia, uma outra paisagem sobrepõe-se à natural. Ainda que alguma coisa, ali, possa ser lida por alguém como, também, parte do seu espaço imaginário ou pragmático, o que o poeta nos propicia é o contato com a sua vida sanluizense nos anos de criança e adolescente. São a família, o lar, as ruas, o bairro, as brincadeiras, os cidadãos comuns, os amigos, o dia-a-dia dentro de sua casa, a presença do pai (um pequeno comerciante), a escola, a guerra, a situação precária de quem trabalhava nas fábricas de fiação de tecido. Garfos, facas e colheres que se perdiam por entre as brechas do assoalho de tábuas, a gaiola, o papagaio, os remédios, as doenças, a religiosidade, o encontro com a sexualidade feminina (a que ele se refere logo na primeira página), as plantas ornamentais e/ou odoríferas, ou seja, uma cidade pobre, cheia de carências urbanísticas, de bairros sem um mínimo de cuidados sanitários. Uma cidade com os seus ocasos maravilhosos, noites de lua muito bonitas, manhãs e tardes visitadas pelas brisas provenientes do rio Anil, do rio Bacanga e do mar.

Ao resgatar suas memórias afetivas, Ferreira Gullar, no *Poema Sujo* (1976), parte desse sentido mais universal de pertencer a um espaço: “*A cidade está no homem*”, para chegar ao mais íntimo, a casa: “*quarto de um sobrado/na Rua das Hortas/a mãe passando roupa a ferro*”. As lembranças dessas imagens íntimas de casas e aposentos “estão em nós assim como nós estamos nelas” (Bachelard, 1993, p. 197). E nesse processo de recordação, emerge esse sentimento de ser/estar, de pertencer a um lugar, a uma também “terra natal”: uma São Luís de 1940, uma cidade em movimento, resgatada pelo viés do século XX. O excerto acima, destacado do poema, enuncia uma cidade com uma agitação urbana, com quitandas, ruas, sobrados, praças. O bonde é uma locomoção coletiva, São Luís expande-se, vai até o rio Anil.

A subjetividade dos dois poemas (*Canção do Exílio* e *Poema Sujo*) está imbricadamente colocada em paralelo com o universal. E, se na obra poética de Gonçalves Dias, há um profundo sentimento de valorização da terra natal, se há a demonstração de uma imensa saudade, que atravessou mais de 200 anos, os lugares em que acontecem os fatos têm o cunho do social, no que é relevante a condição do exílio.

Ferreira Gullar, no *Poema Sujo*, traz o eu lírico também em posição de exílio político, diferentemente de Gonçalves Dias. E ao poetizarem respectivamente, “Minha Terra tem palmeiras/onde canta o sabiá” (*Canção do Exílio*); “A cidade está no homem/Do mesmo modo que em suas/Quitandas, praças e ruas” (*Poema Sujo*), eles retratam uma cidade resgatada de suas memórias, que pode ser identificada como um espaço geográfico-histórico-cultural, onde

os enunciados se fizeram inspirar, onde foram formulados por um determinado momento, que se foi transformando com o passar do tempo, até mesmo porque “os mais memoráveis lugares não pareceriam capazes de exercer sua função de memorial se não fossem também sítios notáveis no ponto de interseção da paisagem e da geografia” (Ricoeur, 2007, p. 59).

Essas duas passagens temporais, representadas nesses dois poemas, podem ser ainda confrontadas com a percepção do espaço citadino do leitor, onde se poderá, ou não, constatar as mudanças naturais, ou aquelas provocadas por seus habitantes, ao longo do tempo e “acompanhar esses deslocamentos pode nos ajudar a entender melhor tanto a representação de alguns espaços urbanos na produção literária recente quanto a sua visibilização e legitimação dentro de nossa sociedade” (Azevedo; Dalcastgnè, 2015, p.12).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na afiguração desse espaço citadino, percebemos a relação que cada autor teve com a terra natal. A imagem que Gonçalves Dias, na *Canção do Exílio* (1843), e Ferreira Gullar, no *Poema Sujo* (1976), atribuem ao lugar, sofreu modificações, trazidas naturalmente, ao longo do tempo. São Luís, espaço de movimentação do sujeito, antes vivenciada como paisagem natural, no decorrer dos anos, passa a ser memorial de valores que se misturam numa tessitura dialética entre passado, presente e futuro. E nesse passar do tempo, a cidade avança, recua, circula e a percepção desse espaço vai diferenciando-se a cada época, e cada escritor, com o seu campo de visão para o espaço, compõe seu texto com os enunciados que melhor simbolizam suas memórias

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo apoio imprescindível ao desenvolvimento desta pesquisa à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ida. *A literatura é uma geografia?* Geografia, Literatura e Arte, v.1, n. 2, p. 20-34, jul./dez. 2018.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- AZEVEDO, L.; DALCASTAGNÉ, R. (org.) *Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Zouk, 2015.
- BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].
- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- BAPTISTA, Maria Manuel. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. *Carnets*, p. 451-461, 2009.
- BRANDÃO, L. A. *Breve história do espaço na teoria da literatura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG. 2005.

- CEVASCO, M. E. *Dez lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHAGAS, J. *Os Canhões do Silêncio*. 3. ed. São Paulo, 2002.
- COLLOT, M. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. Tradução de Denise Grimm. In: NEGREIROS, C. et al. (org.). *Literatura e Paisagem em diálogo*. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 12-43
- COLLOT, M. Poesia, paisagem e sensação. Tradução de Fernanda Coutinho. *Revista de Letras*, v.1, n. 34, p. 95-107, jan.-jun. 2015.
- DARDEL, E. *O Homem e a Terra*. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.
- DIAS, G. *Poesias*. Rio de Janeiro: Agir, 1974.
- FIGUEIREDO, C. L. N. Crítica à invenção do Brasil: Paisagem, Identidade, Literatura. Terra roxa e outras terras. *Revista de Estudos Literários*, v. 2, p. 26-42, 2016.
- GIRALDO, L. M. *Ciudades escritas – Literatura y ciudad em la narrativa colombiana*. Bogotá: Convenio Andrés Bello, 2001.
- GOMES, R. C. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. *Ipotesi*, v. 3, n. 2, p. 19-30, 1999.
- GULLAR, F. *Poema Sujo*. 15. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomás Tadeu da Silva e Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MARANDOLA JR, E.; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na literatura. *Geografia*, Rio Claro, v. 34, set./dez. 2009.
- MORAES, Jomar. *Guia de São Luís do Maranhão*. São Luís: Legenda, 1996.
- PESAVENTO, S. J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- TUAN, Y. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Editora da UEL, 1983.
- SOUZA, R. T. *Ética do Escrever: Kafka, Derida e Literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Zook, 2018.